



pesquisar

[acesso](#) [email](#) [chat](#) [blogs](#) [emprego](#) [culinária](#) [passatempos](#) [futebol](#) [notici](#)

Terça-feira 14 Abr

Última actualização 14 Abr às 15:57

Definir como página inicial

Adi

Expresso

loç

Pesi

[Página inicial](#) [Actualidade](#) [Economia](#) [Desporto](#) [Ciência](#) [Rede Expresso](#) [Opinião](#) [Blogues](#) [Correio](#)

[Últimas 24h](#) [Últimas 48h](#) [Insólitos](#) [Cartaz](#) [Lusofonia](#) [Obituário](#) [Direito de Resposta](#) [Blogues Actualidad](#)

Em destaque >> [Desenvolvimento Sustentável](#) [Freeport](#) [Futebol](#)

Assédi

ACTUALIDADE

Assédio moral numa escola pouco popular

A direcção do Externato Educação Popular confinou uma professora a um cubículo e proíbe reuniões sindicais na instituição.

Carla Tomás

9:52 Terça-feira, 14 de Abr de 2009

17 comentários [2116 visitas]



Partilhe



Uma professora despedida ilicitamente e cuja reintegração foi ordenada pelo tribunal está confinada a um cubículo sem contacto com os alunos. Outra viu o salário reduzido após regresso de licença de maternidade. E o sindicato está proibido de realizar reuniões na escola, porque o presidente da instituição "não reconhece legitimidade ao delegado sindical". Tudo se passa no Externato Educação Popular, em Lisboa, uma instituição de solidariedade social (IPSS) que recebe cerca de 500 crianças (da creche ao nono ano).

Os professores da instituição têm medo de falar. O assédio moral no trabalho começa a ser prática na casa. As denúncias são feitas por Graça Sousa e Deolinda Pinção, dirigentes do Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SPGL) e confirmadas por docentes e ex-docentes da instituição, contactados pelo Expresso.

Por ter reivindicado a actualização salarial e a regularização dos descontos para a caixa de aposentações, a professora Ana Filipe viu a sua vida transformada num inferno. Foi alvo de um processo disciplinar e de despedimento por uma alegada falta injustificada, em 2006.

O tribunal considerou o despedimento ilícito e ordenou a sua reintegração no posto de trabalho. Ana Maria regressou à instituição há perto de dois meses. Está confinada a uma sala de seis metros quadrados, quase sem luz nem respiração (as pequenas janelas não se abrem), onde cabe uma mesa e uma cadeira.

O Presidente da Comissão Executiva da Instituição, José Carlos Ferreira, argumenta que "é a sala que tinham disponível" e que "já encomendou umas janelas novas", na sequência de uma inspecção da Autoridade para as Condições do Trabalho (ACT). Por seu lado, a directora da escola - Irmã Nazaré (uma freira das irmãs Amor de Deus, uma congregação que esteve à frente da instituição até 2002) - recusou prestar qualquer esclarecimento ao Expresso por "não ter autorização superior".

Além desta situação há outros casos de violação dos direitos laborais, de não cumprimento das tabelas salariais e denúncias de não pagamento de segurança social. Ferreira nega. Mas em relação à redução de horário e de salário de uma docente regressada de licença de maternidade, justifica que, ao fim de seis anos, aperceberam-se que "ela não tem habilitações profissionais para dar aulas ao segundo ciclo", mas só ao terceiro...

Há uma semana, o SPGL tentou pela quarta vez, desde 2008, realizar uma reunião sindical no Externato em horário pós-laboral. Sem sucesso. A queixa seguiu para a polícia e para a ACT. Surpreendentemente, o presidente da Comissão Executiva da instituição argumenta que "está em apreciação a legitimidade do delegado sindical" e por isso impede a

realização destas reuniões. Ferreira alega que "os professores estão satisfeitos e não têm necessidade de delegados sindicais". O SPGL lembra que "tal decisão não é da competência da escola".

Palavras-chave **educação professora assédio moral direcção do Externato Educação Popular Lisboa**
Sindicato de Professores da Grande Lisboa

 17 comentários [2116 visitas]



Partilhe       

 **17 comentários** | Comentários 1 a 17] [2116 visitas]

Falta de respeito...

Maria Mar, 2 pontos (Interessante), hoje às 12:06

Algo que me perturba sempre nestes casos é, para além da óbvia falta de respeito que esta instituição demonstra pelos seus empregados, a completa manifestação de desprezo pelos tribunais. Como se sabe, a justiça é tão lenta em Portugal que se sente que não funciona e estas empresas aproveitam-se disso para dizerem ao empregado (e ao senhor doutor juiz) que se estão a borrifar para as decisões de um tribunalzeco em Portugal... Mesmo depois de uma visita da Autoridade para as Condições do Trabalho (ACT) o que eles decidiram é que vão mandar arranjar as janelas?!!!

Repare-se ainda que esta deve ser uma empresa que tem imenso dinheiro: o desperdício de dinheiro que é manter uma professora afastada dos alunos quando tem de se lhe pagar o salário a ela e a outra professora que dá as aulas em vez dela demonstra bem a arrogância desta gente...

Como último detalhe, repare-se no facto de esta instituição ser uma escola. A formação que uma escola destas dá aos seus alunos, não tenho dúvidas, é exemplar... Pessoas com a formação moral do calibre dos dirigentes desta escola é o que o mundo não precisa...

[Alerta para comentário abusivo](#)

[Responder](#)

É uma prática comum...

nonamenun0, 1 ponto , hoje às 10:40

Infelizmente é uma prática comum neste nosso país... quem discorda do patronato não é despedido mas sim destituído das suas funções até "desistirmos"! Não há quem aguento estas condições! Chama-se o Tribunal de trabalho e demoram imenso... há quem vá para o arquivo reordenar o dossiers, tirar a demasia dos agrafos dos documentos, fique numa secretária a olhar para a parede isolado dos colegas e ai daquele que ouse falar com ele!

Infelizmente para os que estão por empresas de trabalho temporário são logo corridos!

Modernices!

[Alerta para comentário abusivo](#)

[Responder](#)

Mas já foi pior nos anos 50, 60 e 70.

aaaa, 1 ponto , hoje às 11:13

Como a inflação as coisas vão indo para onde já estiveram.

Nesse tempo quem não concordava ia para África; já repararam que até podemos ir, outra vez, para África. Realmente o Mundo é redondo ... nunca teve nem tem ponta por onde se lhe pegue.